

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## FOTÓGRAFOS DO ESTADO DE SÃO PAULO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Andresa Poleis Brollo  
Eduardo Romero de Oliveira  
Universidade Estadual Paulista  
E-mail: [andresa.brollo@unesp.br](mailto:andresa.brollo@unesp.br)  
E-mail: [eduardo.romero@unesp.br](mailto:eduardo.romero@unesp.br)

### Introdução

A fotografia como objeto de pesquisa do historiador tem sido estudada através de diversas linhas de investigação pelos pesquisadores do Brasil. Alguns autores investigam mais profundamente a visualidade da fotografia, desenvolvem métodos de análise da imagem, mas também há trabalhos que investigam os fotógrafos, quem eles eram e como trabalhavam. Kossoy (2001; 2002) propõe a análise de fotografias partindo da iconografia e da iconologia propostas por Panofsky e trabalha com o levantamento dos fotógrafos e ateliês do país no século XIX. Seguindo neste recorte temporal, Turazzi (1995; 2006) em sua pesquisa refere-se a fotografia presente nas exposições universais deste século e em outro trabalho analisa as fotografias de engenharia da reforma da Avenida Central do Rio de Janeiro, já Muaze (2009) analisa a sociedade através dos retratos produzidos durante a época no Império, Oliveira (2018) analisa as fotografias da construção de estradas de ferro pelo ponto de vista técnico, como fotografia de obra. Fabris (1991) propõe a discussão entre as relações do sistema de artes plásticas e o surgimento da fotografia nesta época e Carvalho e Lima (1997) por meio da análise de álbuns comparativos da cidade de São Paulo no início do século XX, constroem um conjunto de descritores icônicos que é referência até hoje. Menezes (2003) traz propostas cautelares para a análise da imagem, partindo da sua visualidade para analisar a sociedade, e Mauad (2004; 2008) desenvolve uma abordagem transdisciplinar que une a história com a semiótica para analisar as fotografias.

Seguindo a linha de pesquisa que investiga as outras instâncias da fotografia que não envolvem diretamente a visualidade da imagem, temos também o levantamento de fotógrafos que atuaram ou passaram por Ribeirão Preto, que começa desde a chegada do primeiro fotógrafo na cidade e vai até o ano de 1950, realizada por Registro (2006) no Arquivo Público e Histórico da cidade. Também há o trabalho desenvolvido por Goulart e Mendes (2007) que analisa as propagandas de fotógrafos nos jornais do século XIX,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

trazendo aspectos do trabalho e das ferramentas que eles utilizam. Ribeiro (1994; 2003) em sua pesquisa analisa fotografias da vida social do Brás e entrevista descendentes de italianos do bairro, que rememoram os fotógrafos italianos que atuaram no período de 1920 a 1930, posteriormente a pesquisadora se dedica a analisar o trabalho de fotógrafos profissionais e de amadores que atuavam em Campinas no começo do século XX. Cavenaghi (2004) estuda a colonização do interior paulista através da fotografia e cartografia produzidas durante o século XIX, o autor destaca ao final de sua tese a cidade de São José do Rio Preto, em que procura recuperar sua história social, investigando também quem eram os fotógrafos, possíveis autores das fotografias, que atuaram na região no início do século XX. Monteiro (2008) estuda a fotografia colocando em evidência algumas mulheres que atuaram no Rio de Janeiro, em São Paulo e principalmente em Goiânia, seu objeto de pesquisa.

Também podemos destacar alguns estudos que abrangem os usos da fotografia, como o trabalho de Grecco (2008) que analisa o surgimento de fotoclubes em São Paulo no fim do século XIX e sua consolidação no século seguinte; Águeda (2008), estuda os fotógrafos ambulantes durante todo o período do século XX e Rodrigues (2014) que estuda as atividades ambulantes em Campinas de 1929 a 1940, incluindo a fotografia. Há ainda outros estudos que não estão diretamente ligados ao objeto desta pesquisa, mas trazem informações sobre o uso da fotografia em algumas atividades, como o estudo desenvolvido por Giovanelli (2021) sobre a formação da polícia científica em São Paulo e no Rio de Janeiro (DF), o estudo de Figuerôa (2008) sobre a atividade da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e o trabalho de Cruz (2013) sobre a imprensa no estado de São Paulo.

A análise visual das fotografias, como sabemos, é um aspecto do tema da fotografia que os historiadores desenvolveram muito bem ao longo do tempo. Conhecemos através destes estudos a dimensão visual da sociedade brasileira que vai se construindo na época do Império e depois na Primeira República.

Este trabalho tem por objetivo apresentar um levantamento quantitativo dos fotógrafos que trabalharam no estado de São Paulo do ano de 1890 a 1930. Principalmente os fotógrafos que atuaram no interior do estado, pois a maioria dos trabalhos sobre este tema se concentram na capital paulista ou o recorte temporal termina no começo do século

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

XX. Com este levantamento esperamos entender como era o trabalho do fotógrafo fora da capital, se ele conseguia manter seu estabelecimento apenas tirando retratos ou se havia outras atividades, como fotografia de vistas, urbanas ou da natureza, ou mesmo trabalhos em contrato com o poder público ou privado, como no caso das empresas ferroviárias.

## **Metodologia**

Para esta investigação foram escolhidas diversas fontes, como a Estatística Industrial do estado de São Paulo de 1912, o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, o *Almanach da Comarca de Amparo* e também os periódicos, como o *Correio Paulistano*, *Commercio de São Paulo*, *Jornal de Piracicaba*, jornal *Lavoura e Commercio*, *Correio do Sertão*, *O Gury*, *Vida Paulistana* e *A Lanterna*. A escolha dos periódicos foi realizada através de uma pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, das palavras-chave “photographo” e “photographia”, a primeira trouxe dados mais proveitosos apesar de em menor número que a segunda palavra-chave. O *Correio Paulistano* foi o que apresentou mais resultados, desta forma, o jornal foi pesquisado por todo período, enquanto os demais foram pesquisados até meados da década de 1910. Outros periódicos foram encontrados na pesquisa, contudo devido a uma questão de tempo, vão ser consultadas futuramente. Os nomes dos fotógrafos foram encontrados principalmente em notas no jornal, que traziam informações tanto da vida pessoal, quanto dos trabalhos realizados por eles, além de alguns anúncios. Assim, os nomes encontrados e suas respectivas informações foram inseridas em uma planilha do Excel, em que as colunas foram separadas em: nome, endereço, cidade, ano, notas e bibliografia. Nas notas foram colocadas as informações das fontes e na bibliografia foram adicionadas informações encontradas por autores que já trabalharam o tema.

Além de tentar entender quem eram estes fotógrafos, onde eles estavam trabalhando, também é necessário entender como era o trabalho dos fotógrafos, segundo Turazzi (1995, p.103) no século XIX a sobrevivência era garantida através de trabalhos paralelos, ou seja, os fotógrafos não conseguiam se manter apenas com os retratos, trabalhos fora do ateliê como as vistas urbanas, da natureza, ou o registro de construções e estradas de ferro eram encomendadas com menor frequência. Nos anúncios de jornais sobre fotografia encontramos muitas informações sobre o fotógrafo, principalmente das

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

técnicas que ele utilizava em seu estúdio, porém os anúncios diminuem, mudam de formato e no final do século passam a constar na página de classificados (GOULART; MENDES, 2007, p. 186).

No início do século XX, não sabemos se a dinâmica do trabalho do fotógrafo continua a mesma, mas segundo Lima (1991, p. 70) só da cidade de São Paulo são editados vinte álbuns até 1919, o que já demonstra uma mudança na procura deste serviço e a aceleração da comercialização de fotografias, que segundo a autora se inicia com o Militão Augusto de Azevedo em 1862, com o álbum comparativo de São Paulo. Com a informação do aumento da procura dessas fotografias de vistas urbanas, da natureza, ou edifícios, nos perguntamos como era a dinâmica para a produção destas fotografias, se existia um contrato entre fotógrafo e quem encomendava ou se estas relações eram mais frouxas, pois no trabalho com os álbuns comparativos da cidade de São Paulo de Lima e Carvalho (1997), não se encontram referências sobre as autorias das fotografias em alguns álbuns desse período, apenas Guilherme Gaensly e Militão Augusto de Azevedo são referenciados, ou seja fotógrafos muito conhecidos na época.

Esta comercialização de fotografias que começa crescer traz outra perspectiva para se pensar os usos da fotografia, além do uso privado ou familiar. No início do século as fotografias começam a ser impressas diretamente no jornal, sem a necessidade de processos intermediários, através da autotipia, os fotógrafos vendiam ou cediam suas fotografias ao jornal, ainda não havia um contrato de trabalho (MADIO, 2007, p. 67). Além disto, também estava circulando neste momento os cartões postais que, segundo Fabris (1991, p. 33) colaborou para a massificação da fotografia.

Outro uso da fotografia é o industrial ou o técnico, em que eram registradas a construção, como de estradas de ferro ou o início do seu funcionamento, que eram encomendadas pelas empresas, com o objetivo de acompanhar as obras e também para fazer propaganda da empresa (OLIVEIRA, 2018).

No levantamento realizado para este artigo foi possível perceber como a profissão de fotógrafo havia crescido e se espalhado pelo estado, através do número relevante de fotógrafos encontrados e quando possível das cidades em que trabalhavam. No período de 1890 a 1895 foram encontrados 34 registros, sendo 31 fotógrafos e 3 estabelecimentos que forneciam materiais aos fotógrafos e alguns deles tinham ligações com esses

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

estabelecimentos. Dos anos de 1896 a 1900 são encontrados 40 registros, sendo 3 estabelecimentos de materiais fotográficos e 37 fotógrafos. Nos anos de 1901 a 1905, são encontrados 47 registros, todos fotógrafos. Do ano de 1906 a 1910 são encontrados 93 registros; dois estabelecimentos que fornecem materiais para a atividade fotográfica e 5 associações entre os fotógrafos, em alguns casos são irmãos. De 1911 a 1915 são encontrados 162 registros, sendo dois estabelecimentos que vendiam materiais para fotografia e 6 associações entre fotógrafos. De 1916 a 1920 são encontrados 74 registros; um estabelecimento para artigos de fotografia e 8 associações. De 1921 a 1925 são encontrados 152 registros; um estabelecimento para artigos de fotografia e 15 associações entre fotógrafos. De 1926 a 1930, são encontrados 156 registros; um estabelecimento para artigos de fotografia e 12 associações entre fotógrafos.

No Almanak Laemmert é possível acompanhar as sucessões de fotógrafos nos endereços e também a duração das associações, como é o caso de C. Scardini & Irmão (também consta no almanaque C. Scardigno), que constam do ano de 1908 a 1910 na rua São Bento, número 26 e a partir de 1913 C. Scardini aparece sozinho nos anos de 1913 e 1914, na rua Consolação, número 15. No Correio Paulistano, encontramos notas sobre Francisco Scardini, porém não foi possível estabelecer um parentesco com C. Scardini, que a partir de 1913 encontramos sua atividade em Sorocaba e São Paulo (p. 03, 28/03/1913). Também temos o caso de Patiolo & Ricchiuti. Patiolo se associou a Caetano Ricchiuti, que estava no início de sua carreira como fotógrafo (KOSSOY, 2002). No Almanak Laemmert a associação consta nos anos 1908 e 1909, a partir de 1911. Caetano continuou na rua Rangel Pestana, sozinho. Há casos em que podemos supor que os fotógrafos tiveram alguma relação, como por exemplo, Gino Ardenghi e Aurelio Becherini, que intercalam os anos em que aparecem no Almanak Laemmert na rua São Caetano, número 77.

Assim, nosso levantamento neste primeiro momento mostra ao longo dos anos o aumento significativo dos fotógrafos no estado de São Paulo, de 1890 a 1895, são 34 registros encontrados e no último período pesquisado 1926 a 1930, são 151 registros, um aumento de mais de 300%, o que de certa maneira comprova essa massificação do uso da fotografia pela sociedade, indicada por Fabris (1991) e também o aumento da produção de álbuns de fotografias da cidade indicada por Lima (1991). Por outro lado, reforçando

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

a importância deste levantamento, podemos comparar o número de fotografos encontrados por Kossoy (2002) e os deste levantamento de 1900 a 1910 em São Paulo. Enquanto Kossoy (p. 372, 2002) aponta 67 fotografos, nosso levantamento traz neste mesmo período 134 fotografos, coincidentemente o dobro de fotografos.

Outra observação importante, é sobre as sociedades que os fotografos fazem em alguns momentos, podemos perceber que são poucos os fotografos que trabalham juntos, menos de 10%. Porém, sabemos através da sucessão de endereços e também dos anúncios de fotografia, que os fotografos ensinavam o ofício em seus ateliês. Desta forma, por mais que as relações entre os fotografos não estejam documentadas em estatísticas ou anúncios, sabemos que existiram.

## **Distribuição dos fotografos pelo estado**

Na cidade de São Paulo de 1890 a 1895 são encontrados 23 ateliês de fotografia, que se localizam principalmente nas ruas do triângulo paulista,<sup>1</sup> rua Direita, São Bento e XV de Novembro, porém também há pelo menos dois ateliês no Largo Sete de Setembro; na rua Aurora e na rua do Gazômetro, que faz parte do bairro do Brás, saindo um pouco da área central da cidade, constam ainda outras dez ruas da cidade com pelo menos um ateliê. Nos cinco anos seguintes, são encontrados 18 ateliês na cidade, as ruas do centro se repetem, com quatro ateliês nas ruas Direita e São Bento, as outras 10 ruas constam apenas 1 ateliê e em 4 casos não foi possível saber o endereço.

Nos anos de 1901 a 1905, são encontrados 25 registros da cidade, em 13 casos não foi encontrado o endereço, no restante as ruas não mudam muito das citadas nos anos anteriores. De 1906 a 1910 são encontrados 51, em 14 casos não foi possível saber o endereço. Na rua Direita constam 5 ateliês nesta época, em seguida, constam a rua São Bento, São Caetano e XV de Novembro com 3 em cada, e em seguida, com 2 ateliês a avenida Rangel Pestana, a rua Barra Funda e a rua da Glória, constam ainda 15 ruas com 1 ateliê em cada.

---

<sup>1</sup> Em alguns casos supomos que o fotógrafo é da cidade de São Paulo, devido ao endereço do ateliê, como rua Direita, São Bento, XV de Novembro etc.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

De 1911 a 1915, constam 66 registros, destes 13 não foi possível achar o endereço, o restante, entretanto, começam a se distribuir pela cidade, na rua XV de Novembro constam 10 ateliês; na rua Direita 6; na rua Consolação 4; nas ruas São Caetano, na avenida Rangel Pestana e Imigrantes são encontrados 3 ateliês em cada; nas ruas São Bento, Aurora, e Glória são encontrados 2 em cada e nas outras 21 ruas constam 1 ateliê em cada. Nos anos de 1916 até 1920, são encontrados 51 registros, só a rua XV de Novembro são 5 ateliês; a avenida Rangel Pestana e a rua Direita possuem 4; nas ruas Piratininga, Boa Vista, Barra Funda, Imigrantes, São Bento e Consolação, possuem 3; as ruas José Paulino, Largo Sete de Setembro, Barão do Itapetininga, Glória, avenida São João e São Caetano possuem 2 ateliês cada, as outras 22 ruas possuem ao menos um registro.

Nos anos de 1921 a 1925, são 129 registros, destes, 53 não foi possível saber o endereço. Na rua Direita são encontrados 10 ateliês; a rua XV de Novembro são 6; com 4 ateliês, a rua São Bento, avenida Rangel Pestana e a rua São Caetano; com 3 ateliês, rua da Consolação e a avenida Celso Garcia; às outras 36 ruas possuem ao menos 1 ateliê. Nos anos de 1926 a 1930, são 122 registros da cidade e destes em 29 casos não foi possível saber o endereço. A rua Direita possui nesse período 8 ateliês; a avenida São João com 7; a rua XV de Novembro com 6; a rua São Bento com 5; a avenida Rangel Pestana, rua São Caetano, rua Duque de Caxias e rua Aurora, com 4 ateliês cada; a rua Piratininga e Santa Ephigenia com 3 ateliês cada; em outras 34 ruas são encontrados ao menos 1 ateliê.

Podemos verificar a expansão da atividade fotográfica na capital através dos endereços dos ateliês, no início da década de 1890 os ateliês estão localizados principalmente nas ruas do triângulo paulista. Ao final da década de 1920, não só o número de ateliês teve um aumento significativo, mas também o número de ruas.

A presença de fotógrafos no interior do estado é modesta no final do século XIX, comparável ao da capital, mas sua distribuição é intrigante. Nos anos de 1890 a 1895, 11 ateliês estão distribuídos pelas cidades de Campinas, Aparecida e Ribeirão Preto, que possuem dois ateliês cada. Encontramos apenas um ateliê em Guaratinguetá, Santos, Piracicaba, Sorocaba, Taubaté e Silveiras. De 1896 a 1900, são 21 ateliês no todo - em 1 registro não foi possível saber a cidade. Há 4 registros nas cidades de Jundiaí, Piracicaba, Ribeirão Preto e Santos; em seguida consta Campinas com 2 ateliês e Araras, Piedade,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Piratininga, Araraquara, Iguape, Taubaté, Botucatu, Pindamonhangaba, Rio Claro, Casa Branca e São Simão com um ateliê em cada.

De 1901 a 1905, constam 22 ateliês. Encontramos Piracicaba com 3; Lençóis, Campinas, Itatiba e Aparecida com 2 ateliês em cada e outras 10 com um ateliê cada.<sup>2</sup> De 1906 a 1910 são encontrados 39 registros, em 3 casos não foi possível saber a cidade, Ribeirão Preto aparece com 7 ateliês; Santos, Amparo, Campinas e São José do Rio Preto com 3 ateliês cada; Limeira, Novo Horizonte, Aparecida e Monte Alto com 2 ateliês em cada e outras 17 cidades com 1 ateliê em cada.<sup>3</sup> Na década de 1910, podemos perceber um aumento significativo de registros. Isso ocorre devido a presença de uma fonte há mais, que é a Estatística Industrial de São Paulo de 1912. Nos anos de 1911 e 1915, são encontrados 91 registros, em 5 registros não foi possível saber a cidade. Em Ribeirão Preto são encontrados 10 ateliês; Santos, com 8; Campinas com 7; Bauru, Limeira, Itapetininga, Piracicaba, Espírito Santo do Pinhal, com 3 ateliês cada; Sorocaba, Amparo, Sertãozinho, Cravinhos, Itatiba, Lençóis, Palmeiras, Rio Claro, Santa Rita do Passa Quatro, Porto Feliz, Itú, Barretos, Batatais e Franca com dois ateliês cada. Constam ainda 25 cidades com 1 ateliê cada.<sup>4</sup> Nos anos de 1916 até 1920, o número de registros no interior volta a sua média anterior, com 21 registros. Ribeirão Preto são 7 ateliês nesse período; em seguida Campinas e Amparo com 2 cada uma e as outras 10 cidades com apenas 1 ateliê.<sup>5</sup>

Na década de 1920 os dados são mais escassos. Nos anos de 1921 a 1925 são encontrados 18 registros. Ribeirão Preto lidera com 7 ateliês, as outras 10 cidades só possuem 1 ateliê cada, e em 5 casos não foi possível saber a cidade. De 1926 a 1930 são encontrados registros de outras cidades. Temos, Campinas com 8; Ribeirão Preto com 4; Jundiaí com 3 e outras 17 cidades com 1 ateliê.

## Conclusão

---

<sup>2</sup> Santos, Limeira, Jundiaí, Sertãozinho, Casa Branca, Pederneiras, São Simão, São José do Rio Pardo, Brotas e Ribeirão Preto.

<sup>3</sup> Santa Rita do Passa Quatro, Itapetininga, Socorro, Pirassununga, Itu, Conceição da Barra Mansa (Morungaba atualmente), Ibitinga, Santa Bárbara, Araraquara, Piracicaba, Taubaté, Jacareí, Franca, Bebedouro, Ribeirãozinho (atual Taquarituba), Guaratinguetá e Iguape.

<sup>4</sup> Jundiaí, Itapira, Indaiatuba, Curralinho, Bragança Paulista, Torrinha, Pederneiras, Tietê, Aparecida, Salto de Itú, Anápolis, Avaré, Ibitinga, Jaú, Poços de Caldas, Botucatu, Caconde, Descalvado, Dois Córregos, Jaboticabal, Mococa, Paraibuna, Sapuí, Tatuí e Socorro.

<sup>5</sup> Piracacia, Tietê, Jundiaí, Sorocaba, Ibitinga, Olímpia, Boituva, Sertãozinho, Jacareí e Franca.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Podemos perceber que a presença de fotografos no interior paulista já é verificável no período anterior a 1890, como comprova o álbum organizado por Homem de Melo em suas viagens pelo interior, em que ele recolheu fotografias de Bananal, Silveiras, Pindamonhangaba e Taubaté (CAVENAGHI, 2004, p. 124). Há 11 registros de fotografos, cujas informações sobre estes, são dadas por Kossoy (2002) e Borges (1980 apud REGISTRO, 2006), porém não há outros estudos que tragam mais informações sobre estes fotografos. A presença dos fotografos no interior é significativa ao longo do período pesquisado, eles são em média 34% do total, porém nos anos de 1911 a 1915, em que além da consulta dos almanaques e dos periódicos, também utilizamos Estatística Industrial de São Paulo de 1912, a média aumenta para 56% e nos anos seguintes a média volta para 30%. Ou seja, com a utilização desta fonte estatística é perceptível que o número de fotografos no interior provavelmente é muito maior do que foi encontrado nas fontes e bibliográficas consultadas, o que também supõe que mais pesquisas podem ser feitas sobre este tema.

Na cidade de São Paulo é evidente o crescimento do número de ateliês ao longo dos anos, no início do século XX encontramos 25 ateliês e no final da década de 1930 são 122. As outras cidades, como Campinas, Ribeirão Preto, Jundiaí, Santos e Piracicaba são as que mais encontramos ateliês, porém em quantidade muito menor que a da capital. O número máximo são 10 ateliês em Ribeirão Preto de 1911 a 1915. Inicialmente, imaginamos que o número de ateliês nas cidades tinha relação com o número total da população, pois a capital cresce vertiginosamente neste período, e as cidades indicadas acima, exceto por Jundiaí, estão entre as dez mais populosas do estado no ano de 1912 (IBGE, 1916, p. 345). Porém, como pudemos observar nos períodos anteriores, a ocorrência de fotografos nas cidades não segue o percentual da população – Ribeirão Preto tem o dobro que qualquer cidade do mesmo tamanho; cidades bem menos populosas que Campinas tem um ou dois ateliês. Explicações metodológicas (natureza da fonte documental utilizada) ou externas podem ser cogitadas (contingências sociais ou instabilidade da atividade), mas estudos específicos precisam ser realizados para sustentá-las.

### **Fontes**

Estatística Industrial de São Paulo 1912

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1906-1911, 1913-1918, 1921, 1922, 1925-1927).

Almanach da Comarca de Amparo (1903, 1907, 1909, 1912, 1914, 1918).

## Periódicos

Correio Paulistano (1890-1930)

Correio do Sertão (1902 a 1903)

O Gury: periódico noticioso humorístico (1901-1902)

Lavoura e Commercio (1898 a 1900)

O Commercio de São Paulo (1900-1909)

Vida Paulista (1908 a 1910)

## Referências

CAVENAGHI, Airton José. **Olhos do barão, boca do sertão: uma pequena história da fotografia e da cartografia no noroeste do território paulista (da segunda metade do século XIX ao início do século XX)** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2004.

FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. [s.l.]: Edusp, 1991.

GOULART, Paulo Cezar Alves; MENDES, Ricardo. **Noticiário geral da photographia paulistana 1839-1900**. São Paulo, SP: Centro Cultural São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuario estatístico do Brasil de 1908 a 1912. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, v. 01, 1916, 505 p. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1908\\_1912\\_v1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v1.pdf) Acesso em: 26 jul 2021.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo, SP: Instituto Moreira Salles, 2002.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)**. [s.l.]: Mercado de Letras, 1997.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. Vistas fotográficas das ferrovias: a produção de registros de obra pública no Brasil do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, n. 3, p. 695–723, 2018.

LIMA, Solange Ferraz de. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. [s.l.]: Edusp, 1991.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. **História (São Paulo)** [online]. 2007, v. 26, n. 2. Acesso em: 16 Jul 2021, p. 61-91. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742007000200005>>.

REGISTRO, Tânia Cristina. **História da Fotografia: levantamento documental sobre a fotografia em Ribeirão Preto (1890-1950)**. 2006.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: A fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.